

## **CONSTRUINDO UM TRABALHO DE FONOAUDIOLOGIA ESCOLAR**

*Maria Silvia Carnio\**

*Cláudia Bela Sarue\*\**

*Eunice Peterfi\*\**

*Maria Cecília Periotto\*\**

Qual é o papel do Fonoaudiólogo Escolar? Realizar terapia em escola? Orientar o professor? Fazer triagens, detectar problemas dos alunos e encaminhá-los para terapia específica?

Por que será que algumas escolas repelem o trabalho do fonoaudiólogo e outras o almejam tanto?

Partindo destas questões, vamos refletir sobre o assunto, tendo por base a experiência no Programa Escola do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

### **Material e Método**

O trabalho realizado nos anos de 1990 e 1991 consistiu em um estágio

---

\* Fonoaudióloga e Professora-Assistente do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

\*\* Fonoaudiólogas e Professoras convidadas junto ao Programa Escola do Curso de Fonoaudiologia da FMUSP durante o ano de 1991, sendo que Cláudia B. Sarue atuou também no ano de 1990.

prático para as alunas do 3º ano do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da USP. Estas foram distribuídas em três Escolas Estaduais de 1º grau da periferia de São Paulo, cumprindo uma carga horária de quatro horas semanais.

O programa teve um caráter preventivo, na medida em que objetivávamos detectar alterações no desenvolvimento de linguagem oral e escrita em crianças em fase inicial de alfabetização e oferecer condições para que as professoras pudessem lidar com estas dificuldades, evitando a instalação da patologia. Nossa abordagem foi construtivista, visto que compreendemos que o indivíduo é agente do seu conhecimento e constrói as estruturas cognitivas de maneira particular, sendo esta construção determinada por fatores ambientais e fisiológicos. O trabalho consistiu de: exame prévio e posterior por amostragem, pré e pós-testes, palestras, orientações aos professores, programas específicos de estimulação e encaminhamentos.

Primeiramente, realizamos um exame prévio por amostragem<sup>1</sup> em todas as turmas de Ciclo Básico II, nível de 1ª série. A finalidade do exame era selecionar as classes com o maior número de alunos com dificuldades na alfabetização. Aqueles que apresentassem algum tipo de alteração seriam encaminhados para tratamentos específicos.

O pré e o pós-testes<sup>2</sup> foram aplicados nas classes escolhidas com o objetivo de obter confirmação dos resultados do exame prévio por amostragem, embasar os programas de estimulação e verificar a efetividade destes.

A partir dos resultados dos exames aplicados, realizamos orientações

- 
1. Exame prévio por amostragem consistia das seguintes provas: identificação pessoal, nomeação de letras, questionamento sobre a função da escrita, escrita do nome, ditado de letras, palavras e frases, narrativa a partir de um tema dado, leitura oral de letras, palavras e frases e observações sobre os órgãos fonoarticulatórios, respiração, fluência, voz e comportamento da criança durante o exame.
  2. Pré e pós-teste: constaram de provas para avaliação da linguagem escrita. Em 1990 foram aplicadas individualmente as seguintes provas: nomeação de letras, escrita do nome, ditado de letras e palavras, leitura de palavras e reconhecimento das palavras lidas em um texto. Em 1991, com a preocupação de aumentar o período de estimulação, o pré e pós-testes foram aplicados coletivamente. Com isso, foi necessário modificar as provas aplicadas que constaram dos seguintes itens: correspondência de palavras e frases com os respectivos desenhos, reconhecimento de letras tanto em frases quanto isoladamente e escrita de palavras a partir da apresentação de desenhos.

individuais às professoras sugerindo atividades, textos e discutindo alguns casos específicos e atuamos diretamente com os alunos das classes trabalhadas, elaborando atividades voltadas para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Estes programas de estimulação eram elaborados pelas estagiárias e aplicados em conjunto com as professoras, para que estas pudessem utilizá-los em outras oportunidades.

Optamos pela entrada das estratégias em sala de aula com o objetivo de proporcionar-lhes vivência com o grupo-classe, permitindo-lhes a realização de orientações mais efetivas.

Ao final das estimulações, professoras e estagiárias trocavam idéias a respeito do trabalho dirigido àquela população específica e discutiam o conteúdo dos próximos programas de estimulação. Com isso, as professoras passaram de uma categorização mecânica dos níveis de desenvolvimento de leitura e escrita (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético) para uma compreensão dos mesmos, possibilitando uma melhor interação com a classe.

Algumas professoras que não pertenciam ao grupo trabalhado vieram nos procurar em busca de orientações sobre dificuldades específicas de alguns alunos ou da classe como um todo. Atendemos suas solicitações e avaliamos estas crianças individualmente, encaminhando-as para tratamentos específicos quando necessário.

Além destas atividades, foi programada uma série de palestras dirigidas a toda equipe pedagógica, abordando o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e as diversas áreas de atuação do fonoaudiólogo.

### **Discussão**

Neste tópico passaremos a refletir sobre os resultados e as dificuldades encontradas no decorrer do trabalho.

Pretendíamos adotar uma postura construtivista respeitando o caminho que cada indivíduo percorre na construção de seu conhecimento, entretanto, no início, por falta de vivência nesta linha, não foi possível concretizá-la de modo global. Respeitávamos somente a construção do conhecimento dos alunos, tendo

por base as idéias de Emília Ferreiro (1985). Em contraponto, esta mesma atenção não era fornecida às professoras e estagiárias, uma vez que os programas eram previamente elaborados somente por nós; não favorecendo a reflexão e a participação ativa das mesmas. Desta forma, não tinham possibilidade de compreender a essência construtivista da proposta, o que as levava a aplicar as atividades de forma tradicional.

Após as primeiras estimulações, abrimos espaço para que as estagiárias participassem mais do programa. Com isso, elas começaram a elaborar as próprias atividades, sempre questionando-as e discutindo-as na supervisão, o que gerou uma melhor compreensão da proposta. Passaram a respeitar o nível de desenvolvimento de linguagem oral e escrita de cada criança, e a orientar, de maneira mais efetiva, o professor em suas necessidades.

Quanto as professoras, observamos certa resistência à nossa presença na escola. Algumas sentiam-se fiscalizadas e outras verbalizavam que não concordavam com a abordagem teórica adotada.

Depois de dois anos de atuação semanal nestas escolas e tendo por base as discussões, os questionamentos e observações ocorridos de forma coletiva nas nossas reuniões e individualmente em contatos particulares, acreditamos que seja possível levantar algumas hipóteses tentando entender tais reações. Dentre elas podemos citar: formação deficitária, experiência profissional em outras linhas, má remuneração, falta de autonomia no direcionamento de suas atividades, e experiências negativas com outros profissionais que realizaram pesquisas nas escolas.

O modo que julgamos mais efetivo para atingir as professoras, foi entrar nas salas de aula. Assim, elas puderam observar, discutir, compreender e aceitar nossa proposta; passaram a considerar cada aluno individualmente dentro dos seus níveis de evolução da leitura e escrita e a lidar com as diferenças dentro do grupo.

Concluimos que as hipóteses levantadas anteriormente, provavelmente sejam verdadeiras pois, à medida que o nosso trabalho foi sendo desenvolvido e as professoras foram adquirindo fundamentação teórica e vendo os resultados altamente positivos na prática, a resistência foi diminuindo gradativamente. Como consequência, as professoras passaram a nos solicitar indicações de re-

ferências bibliográficas, de auxílio em seus planejamentos e de orientações sobre dificuldades específicas.

Por outro lado, aprendemos a respeitar o espaço do professor e juntamente com ele, construir uma nova maneira de pensar sobre a leitura e a escrita.

No início do trabalho, observamos que a leitura e a escrita não tinham funções significativas para as crianças, sendo encaradas como atividade escolar obrigatória. Os nossos programas de estimulação, se apoiavam em atividades lúdicas com a finalidade de propiciar, principalmente, o desenvolvimento da linguagem escrita. A postura adotada respeitava o nível de desenvolvimento de cada criança, criando situações ricas em interação e discussão sobre leitura e escrita. Desta forma, as atividades se tornavam prazerosas e conseguimos despertar o interesse por esta área de aprendizagem.

Em relação às atividades grupais, os alunos começaram a interagir melhor, possibilitando maior evolução individual através da troca de conhecimentos.

As crianças com história de repetências consecutivas, vistas pelas professoras como candidatos a classes especiais, atingiram níveis mais avançados de desenvolvimento da linguagem escrita, chegando algumas ao nível alfabético.

### Conclusão

Refletindo sobre esta vivência, concluímos que o principal objetivo da Fonoaudiologia Escolar é oferecer subsídios aos professores para que estes possam lidar adequadamente com os aspectos relativos à linguagem de seus alunos.

Nas escolas onde atuamos, muitas professoras possuíam formação deficitária e/ou desatualizada nas áreas de desenvolvimento de linguagem oral e escrita e tinham uma visão distorcida sobre o construtivismo. Desta forma, foi possível propiciar o desenvolvimento desses profissionais nesta área, através de orientações, palestras e atuação conjunta em sala de aula.

Acreditamos que as sugestões dadas, foram de encontro às necessidades das professoras, pois além de orientá-las, compartilhávamos suas dificuldades entrando em contato direto com a classe durante as estimulações. Este fato con-

tribuiu para que houvesse uma maior proximidade entre fonoaudiólogas e professoras, permitindo uma atuação dentro da abordagem construtivista.

Com essa experiência depreende-se que em Fonoaudiologia Escolar é necessário vivenciar a realidade de cada classe, para que se possa contribuir com orientações significativas.

É importante ressaltar, que relatamos uma experiência dentro de um contexto particular, e que cada escola apresenta uma realidade diferente, cabendo ao Fonoaudiólogo Escolar construir, juntamente com a equipe pedagógica, o seu programa.

### **Resumo**

*Este artigo tem por objetivo refletir sobre os caminhos da Fonoaudiologia Escolar, tendo por base a experiência no Estágio Supervisionado em Atenção Primária do Programa Escola do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, durante os anos de 1990 e 1991.*

*Realizando o trabalho com uma abordagem construtivista, foi possível promover um envolvimento mútuo das equipes pedagógica e fonoaudiológica, favorecendo o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças.*

*Apesar desta ser uma experiência realizada com uma comunidade específica, aponta direcionamentos de atuação na área de Fonoaudiologia Escolar.*

### **Abstract**

*The purpose of this article is to reflect about the speech language pathologists working in schools, from an experience at a school program of speech pathology center of the school of Medicine of the University of São Paulo, during the period of 1990 and 1991.*

*Through a constructivist point of view, it was possible to promote an efficient relationship between the teams of educators and speech-language pa-*

*they might be helpful to other professionals by pointing new directions to the work carried on by the speech therapist at school.*

### Referências Bibliográficas

- ENCONTRO NACIONAL DE FONOAUDIOLOGIA SOCIAL E PREVENTIVA, São Paulo, 1988. *Anais*. São Paulo, Conselho Regional de Fonoaudiologia da 2ª Região, 1989.
- FERREIRO, E. *Reflexões sobre a alfabetização*. Tradução Horácio Gonzalez et al. 9ª ed., São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1987.
- \_\_\_\_\_ e PALÁCIO, M.G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre, Novas Perspectivas, 1987.
- \_\_\_\_\_ e TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- GROSSI, E. P. *Didática da Alfabetização*. v.1 *Didática do nível pré-silábico*, v.2 *Didática do nível silábico* e v.3 *Didática do nível alfabético*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- KATO, M.A. *O aprendizado da leitura*. 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A concepção da escrita pela criança*. Campinas, Pontes, 1988.
- LINHARES PIMENTA. *Saúde para todos. Desafio ao Município*. 2ª ed., São Paulo, Hucitec, 1989.
- PACHECO, E.C.F.C. e CARAÇA, E.B. "Fonoaudiologia Escolar." In: FERREIRA, L.P. et al. *Temas de Fonoaudiologia*. São Paulo, Loyola, 1984.
- RAMOS, L. "Fonoaudiologia e Saúde Pública." *Revista Distúrbios da Comunicação*, 4(1):9-16. São Paulo, mar. 1991.
- SOUZA E SILVA, M.A.S. *Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização*. São Paulo, Ática, 1988.

*Recebido em ago/93; aprovado em maio/94.*